

DISCO

SHOW



O leventador de toadas David Assayag lança seu CD dia 27, no Olímpico Clube, em show com a participação de Fafá de Belém. Ingressos a R\$ 5

O grupo Mureru volta a se apresentar nesta sexta-feira, no bar e restaurante Flet'e, com repertório de músicas próprias e sucessos da MPB



# CRIAÇÃO

## O 'Complexo da Amazônia' faz 20 anos

Lançado em 1976, o livro "O Complexo da Amazônia - Análise do Processo de Desenvolvimento", além de muitas contribuições particulares, trouxe uma que foi inovadora, a análise multidisciplinar dos processos sócio-culturais e de suas relações com o mundo natural

Renan Freitas Pinto\*  
 Especial para A CRÍTICA

Em 1976, Djalma Batista lançava o "Complexo da Amazônia" (análise do processo de desenvolvimento), livro que além de sua contribuição para o pensamento crítico sobre o processo de desenvolvimento regional, trazia importantes contribuições para diferentes campos de investigação como a história política e econômica, história do cotidiano, antropologia, sociologia e ciências do ambiente. Além de todas essas contribuições particulares, trazia uma que foi inovadora e, por assim dizer, se tornou a marca principal da obra, a análise multidisciplinar dos processos socioculturais e de suas relações com o mundo natural.

A formação humanística de Djalma Batista, como recentemente anotou Marcus Barros em sua palestra sobre o perfil intelectual e profissional do grande médico, certamente foi o principal fator que possibilitou a articulação de todos esses campos de conhecimento para a análise dos processos do subdesenvolvimento regional.

Djalma Batista possuía como característica de seu perfil intelectual, uma incansável busca de conhecimento, em particular do que dizia respeito à Amazônia. A aquisição e acumulação desse saber, entretanto, era submetido a um rigoroso crivo crítico, através do que buscava assinalar nos autores que lia - autores que iam da literatura de ficção até os especialistas em saúde pública, geografia humana, antropologia, ecologia e ciência política - suas contribuições mais relevantes, assim como seus pontos frágeis e seus equívocos, tudo isso de uma forma tal que servisse de roteiro a outros pesquisadores e a seus leitores, na convicção de que uma ciência capaz de compreender e interpretar a Amazônia deveria ser produzida a partir dessa combinação de diferentes contribuições e de múltiplos métodos e processos investigativos.

Nesse sentido, nossa ideia é chamar a atenção para o fato de que, apesar de transcorridos 20 anos de sua publicação "O Complexo da Amazônia" não apenas continua uma leitura essencial sobre a região, como se tornou um dos documentos mais valiosos do pensamento brasileiro sobre a questão regional e as relações entre a região e a nação. Um livro que, tendo sido escrito a partir de uma perspectiva regional e local, não se limitou ao horizonte do provincianismo mas, ao contrário, faz o combate a essa tendência que é tão forte na abordagem das questões regionais. Sua contribuição assim, continua viva, pois se constitui num daqueles poucos momentos em que a inteligência regional conseguiu realizar um processo de ruptura com as noções correntes e dominantes, criando um padrão de leitura das fontes históricas, das obras e autores que nos



Fotos: Reproduções/Renan F. Pinto

O médico Djalma Batista, autor de "O Complexo da Amazônia"

dá um exemplo de como buscar em cada um deles, elementos de elucidação do objeto de investigação, o atraso relativo da Amazônia. É portanto um livro capaz de satisfazer a diferentes interesses de leitura. O pesquisador em busca de dados sobre a história do cotidiano do mundo rural e do mundo urbano na Amazônia encontrará em sua leitura informações surpreendentes, como é o caso da pequena história da aviação e dos "caminhos da informação e da comunicação".

Sobre o início da aviação na Amazônia podemos ler trechos como esses: "...As primeiras linhas comerciais foram da Pan American, até Belém, em 1931. A Panair do Brasil (já extinta) iniciou, em 1933, os vãos semanais entre Belém e Manaus. O antigo Correio Aéreo Militar alcançou a capital paraense em 1935, via Teresina, e depois, em 1937, pela rota do Tocantins; de Belém, voou até Amapá e depois Oiapoque, sempre em hidroaviões. A Condor (depois Cruzeiro do Sul) estabeleceu a ligação do Acre, pelo Oeste, com aviões terrestres, com o que realizou uma primeira libertação de sua população até então condenada ao isolamento. Pouco a pouco as novas linhas com aviões brasileiros, foram se estabelecendo vitoriosamente, chegando a Letícia, Iquitos, Caracas, Georgetown, Paramaribo e Caiena.

...A FAB tem usado vários aparelhos, sendo notável a atuação de dois tipos: o aeroplano Douglas DC-3, que Pedro Tupinambá chamou apropriadamente "o cavalo dos céus", e o hidroavião Catalina, também batizado pelo mesmo Tupinambá de "o barro de carga da Amazônia", tão importantes os serviços que prestaram". (p. 256)

O processo de subdesenvolvimento - Uma das ideias que orientam toda sua análise do processo de desenvolvimento é a de que nosso atraso não deve ser atribuído a fatores como o isolamento espacial, o clima e a natureza hostil à civilização e ao progresso, como habitualmente tem acontecido, mesmo na percepção de estudiosos e conhecedores notáveis. A razão principal do atraso e do subdesenvolvimento é fundamentalmente de ordem cultural e social. Os métodos de ocupação e exploração adotados nos diferentes ciclos foram predatórios e destrutivos não apenas em relação aos recursos naturais, mas sobretudo em relação à diversidade sócio-cultural representada pela existência das múltiplas etnias originais, que apesar de terem sido fundamentais - através de seu conhecimento da região - para o estabelecimento da colônia, não eram reconhecidas como sujeitos culturais do processo, mas submetidas à condição de mão-de-obra escrava ou submetidas de algum modo.

Da mesma forma, o surgimento de segmentos caboclos na formação social regional não representou o desenvolvimento de estruturas sociais que possibilitassem a afirmação de direitos civis que expressassem uma cidadania, mesmo que embrionária. Percorrendo todos esses ciclos através de ampla informação obtida nas fontes mais categorizadas, Djalma Batista vai identificar a marca principal do "processo civilizatório" na Amazônia como a violência política e a pequena ou nula importância que as elites e grupos dominantes em formação atribuíam aos direitos civis, produzindo-se assim uma situação social amorfa, onde permanece sobretudo no interior, "uma massa imensa, em completa desagregação social, vivendo em condições sub-humanas, embruteada e aviltada". (p.88)

A ruptura com esse quadro de atraso deverá ocorrer a partir de mudanças que venham se dar na esfera sócio-cultural, sobretudo com a democratização das oportunidades educacionais e culturais. Sua argumentação portanto é construída basicamente em torno da ideia de que o problema a ser enfrentado

Trechos de "O Complexo"

"Dois fatos singulares porém merecem ser destacados: primeiro, apesar do grande espaço físico ter sido conquistado pelo branco, o espírito do índio permanece e sobrevive nas suas grandes dimensões culturais, o que constitui a meu juízo, a lição maior da luta racial secular; segundo, a evidente regressão social e cultural dos silvícolas, após o contato com o branco". (p.43)

\* \* \*

"Conheço o interior da Amazônia, desde a infância, e venho acompanhando os fatos, por observação direta ou através do testemunho de visitantes fidedignos, e a conclusão que tenho sobre a população das cidades, que se acham quase todas disseminadas à margem dos rios, é de verdadeira estagnação". (p.87)

\* \* \*

"Essa pobreza generalizada, agravada pelo isolamento, tem raízes na ausência, pouca oportunidade ou má orientação da educação, e consequente subdesenvolvimento psico-social e sócio-cultural". (p.92)

\* \* \*

"O mesmo é possível dizer e pensar dos inúmeros intelectuais que ficaram aprisionados nos limites da província, raramente os transpondo". (p.95)

é o do "desenvolvimento dos homens".

O desenvolvimento da Amazônia e sua integração definitiva ao Estado nacional brasileiro seria acelerado pela execução de programas governamentais sobretudo de âmbito federal. Essa ideia é compartilhada por Djalma Batista, com a ressalva de que sejam esses programas apoiados em um necessário conhecimento das particularidades do mundo natural e humano da região, sem o que se corre o risco de se cometerem ações desastrosas e irreparáveis como temos exemplo na própria Amazônia - o caso da região bragantina - e em outras partes do país e do planeta.

Restaria apontar ainda um último aspecto da contribuição do "Complexo da Amazônia" para uma nova maneira de interpretar a questão regional, a partir de um ponto de vista multidisciplinar. Aqui estão também elementos importantes para uma história da ciência e da pesquisa científica na Amazônia, da mesma forma que aspectos essenciais para a reconstrução do pensamento social produzido em torno dessa configuração geográfica e humana, como os que anotou em autores como Samuel Fritz, Alexandre Rodrigues Ferreira, Euclides da Cunha, Charles Wagley, Arthur Reis e Nunes Ferreira.

\*Renan Freitas Pinto é professor da Universidade do Amazonas e bolsista do CNPq.



O pesquisador com a esposa



Djalma Batista com sua mulher, Gilda

## Um médico-humanista

Milton Hatoum\*  
 Especial para A CRÍTICA

Djalma Batista não foi apenas um grande médico. Suas atividades enquanto diretor do Inpa, pesquisador e professor da Universidade do Amazonas já seriam suficientes para render-lhe a justa homenagem de homem íntegro e profissional competente. No entanto, ele foi mais que isso. Foi um pensador da Amazônia, um médico que refletiu sobre a nossa cultura, aqui entendida num sentido amplo: a história, as condições sócio-econômicas, a geografia, o meio ambiente, a literatura. Penso que ele descende de uma tradição humanista, de for-

mação francesa, à qual pertenceram dois grandes expoentes da medicina brasileira: Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Nas duas primeiras décadas deste século, Cruz e Chagas foram importantes na formação de uma escola de médicos-pesquisadores em Manaus e Belém. De certo modo, Djalma Batista herdou essa formação humanista e deixou uma herança que reside, em parte, nos livros que escreveu, e também na formação de alguns dos melhores médicos e professores do Amazonas.

Marcus Barros, ex-reitor da UA e atual Coordenador do Escritório Regional da Fundação Oswaldo Cruz, é um desses exemplos da medicina amazônica. Ex-aluno de Djalma

Batista, Marcus Barros enquanto professor, administrador, pesquisador e político, tem exercitado com brilhantismo e ousadia essa difícil junção da ética profissional com uma promessa de solidariedade. Num ciclo de palestras promovido pela Fundação Djalma Batista (fevereiro de 1996), ele sintetizou com precisão esse elo importantíssimo entre a medicina e a sociedade. Segundo Marcus Barros, "Djalma Batista foi um médico que sabia a fundo as razões básicas que determinavam (e ainda determinam) o adoecimento na Amazônia. Este médico, com a sua amplíssima visão, mais do que entendia, interferia nas diferentes esferas, buscando controlar as variáveis

que evidenciam as doenças nos povos pauperizados. Assim, por esse prisma, Djalma Batista foi também um radical".

Livros como "O Complexo da Amazônia" ou "Da Habitabilidade da Amazônia", revelam não apenas a observação acurada e a argumentação teórica do médico, pesquisador e antropólogo, mas também o talento de um profissional que refletiu sobre a sua região com uma linguagem sóbria e refinada, acessível a leitores de todas as profissões. Nisso reside o talento do médico-escritor.

Um texto um pouco esquecido, editado por Philipe Daou durante o governo Arthur Reis, merece ser reeditado. Trata-se da introdução que Djalma

Batista escreveu sobre os relatórios de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Os relatórios, em si, são leituras obrigatórias a qualquer profissional da área de saúde, mas a introdução de Djalma Batista ("Oswaldo Cruz na Amazônia") nos dá a medida exata de como ele relacionava a patologia às condições sócio-econômicas e do meio ambiente. Publicados há mais de 80 anos, os relatórios de Oswaldo Cruz nos revelam que muito pouco do que ele nos propôs para melhorar as condições de vida da nossa população foi realizado. Djalma Batista, estudioso e comentarista desses relatórios, aclara as reflexões de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, e faz um breve relato histórico das condições

sanitárias e epidemiológicas da Amazônia ao longo deste século.

É lamentável, é espantoso mesmo, constatar a anarquia e o caos a que está entregue a saúde pública no nosso Estado. Nesse cenário de decadência moral da administração pública, os textos de Djalma Batista nos ajudam a compreender que os problemas relacionados à saúde e às condições sanitárias da população paupérrima do Amazonas podem ser solucionados. É exatamente nesse cenário desalentador que o exemplo profissional, ético e político de um grande intelectual mantém acesa a chama da esperança.

\*Milton Hatoum é escritor e professor de Literatura da Universidade do Amazonas.